



GÊNERO: UM FATOR CONDICIONANTE NAS ESCOLHAS DE CURSOS SUPERIORES

*Érica Jaqueline Soares Pinto**
*Maria Eulina Pessoa de Carvalho***
*Glória Rabay^{1***}*

RESUMO

As relações de gênero, que naturalizam as desigualdades entre os sexos, muitas vezes, são (re)produzidas por uma cultura sexista que afeta as experiências e escolhas de meninas e meninos. Sendo assim, há na educação superior um gendramento em que as mulheres estão mais presentes nas áreas de ciências humanas, sociais e da saúde; e os homens mais presentes nas áreas das ciências exatas, naturais e tecnologias. Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado, que objetivou analisar se e como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio de uma escola pública de João Pessoa/PB. Para tanto, utilizou uma abordagem quantitativa, através da aplicação de 456 questionários, e uma abordagem qualitativa, através da realização de 20 entrevistas, abrangendo estudantes do 3º ano dos três turnos em 2012. A análise evidenciou que o gendramento das matérias escolares, áreas do conhecimento e cursos superiores persiste nas escolhas de cursos superiores dos/as jovens, ainda que sejam notadas algumas mudanças. Constatou-se que preconceitos de gênero estão presentes na cultura e relações escolares, criando obstáculos para a desconstrução das dicotomias de gênero nas ocupações/profissões.

Palavras-chave: Gênero. Ensino médio. Escolhas de cursos superiores.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres são as maiores responsáveis pelos números de ingresso na educação superior e as que mais têm sucesso em sua trajetória acadêmica, responsáveis por 55,8% dos ingressos (todas as formas), 56,9% das matrículas e 61,1% das conclusões nos cursos de graduação em 2011, porém estão

* Pedagoga, mestranda em Educação na linha de Estudos Culturais da Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação – PPGE/UFPB. Email: ericajsp@gmail.com

** Professora, pesquisadora CNPq. Doutora em Educação. Integrante do PPGE/UFPB e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero - NIPAM/UFPB. E-mail: mepcarv@terra.com.br

^{1***} Professora, pesquisadora CNPq. Doutora em Ciências Sociais. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero - NIPAM/UFPB. E-mail: gloria.rabay@gmail.com

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



concentradas em áreas de conhecimento distintas dos homens, não havendo uma distribuição igual entre os diversos campos. Enquanto elas buscam formação em cursos das Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências da Educação e Ciências da Saúde, eles buscam os cursos das Ciências Exatas e Tecnológicas (INEP, 2013).

Por que há esse gendramento? As relações de gênero podem limitar o leque de opções tanto para mulheres como para homens, restringindo os campos de atuação conforme o sexo? Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações sociais leva as mulheres a procurarem carreiras com caráter humanístico, ligadas ao cuidado, e os homens a procurarem carreiras tecnológicas e científicas, buscou-se analisar o condicionamento de gênero nas perspectivas de cursos superiores de estudantes do ensino médio.

Refletir sobre a segmentação e desigualdade por sexo no processo de escolha de curso superior implica compreender o contexto cultural em que estamos inseridos/as, as influências da socialização na construção de projetos profissionais e a maneira como as pessoas naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens são tratados de forma diferente desde o nascimento em função do sexo biológico. É por meio da socialização exercida nos diversos espaços de convívio social que se perpetuam os modos culturais de ser, estar, agir, que adquirimos valores e costumes característicos da nossa cultura e nos integramos a um grupo social. Se aprendermos por meio da educação/socialização a diferenciar as atitudes femininas das masculinas, os padrões de desigualdade de gênero tenderão a se reproduzir e acabarão influenciando as escolhas de cada um/a.

A pesquisa foi realizada através das abordagens quantitativa e qualitativa no ano de 2012 em uma escola pública de ensino médio de referência, localizada em João Pessoa/PB. Na primeira etapa, que consistiu na aplicação de questionário, participaram 456 estudantes do terceiro ano do ensino médio dos turnos manhã, tarde e noite, sendo 175 homens e 281 mulheres. E na segunda etapa, que consistiu na realização de entrevistas, participaram mais 20 estudantes também dos três turnos do terceiro ano, sendo 9 homens e 11 mulheres (foram identificados/as por nomes fictícios para resguardar suas identidades). A escolha por estudantes da terceira série do ensino médio deu-se por acreditar que as questões de continuidade

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



de estudo são mais evidentes, já que ao final desta série ele/as fazem a opção de continuar os estudos na educação superior e/ou ingressar diretamente no mercado de trabalho.

A relevância desta problemática dá-se ao fato de que há poucas produções científicas nacionais na área de educação que articulam ensino médio e educação superior, tendo em vista a análise de gênero nas escolhas de curso superior dos/as estudantes. Em uma “busca” no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES²) evidenciou-se que em mais de duas décadas (1987-2012) apenas nove trabalhos foram realizados. Desta forma, é importante que se ponha em discussão tal temática a fim de disseminar a informação entre estudantes, professores/as, pesquisadores/as e estimular o interesse de novas investigações nesta área.

Esta investigação integrou o projeto “Perspectivas Profissionais Discentes em Escolas de Ensino Médio” (RABAY, 2011-2012), vinculado ao Programa de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM/UFPB), coordenado pela professora Glória Rabay do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB. Tal projeto, por sua vez, é um desdobramento do Projeto CNPq “Relações de Gênero na Universidade: Carreiras Docentes e Perspectivas Profissionais Discentes” (CARVALHO, 2010), coordenado pela professora Maria Eulina Pessoa de Carvalho do Centro de Educação da UFPB, que visa mostrar como as relações de gênero afetam as práticas acadêmicas de formação e produção do conhecimento na universidade vividas por docentes e discentes.

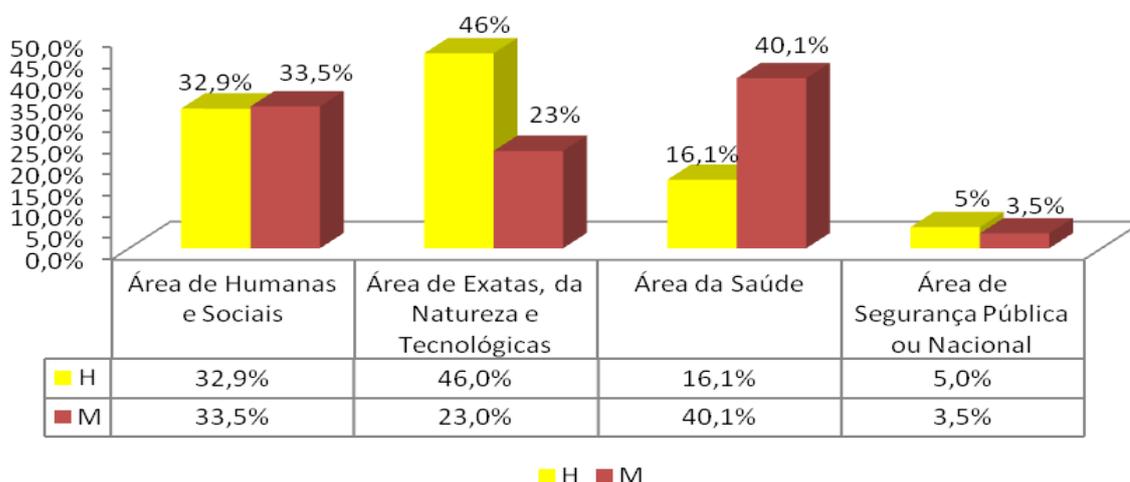
2 Gendramento da educação superior

Tendo em vista compreender se as relações de gênero interferem nas escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio, tomamos como entendimento teórico de gênero “o conjunto de normas, valores, conceitos e práticas através das quais as diferenças biológicas entre homens e mulheres são cultural e

² Fonte: <www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Primeiro acesso em: 14 dez. 2012, em que capturou os trabalhos realizados até 2011. Atualização de dados em: 30 abr. 2014, em que buscou os trabalhos de 2012. A atualização foi feita através da “Busca Avançada” em “Todos os Campos”.



GRÁFICO 1: Distribuição de estudantes por sexo e área do conhecimento



Fonte: Questionário/2012.

Não é uma novidade que os homens, mais do que as mulheres, tenham escolhido cursos dentro da área das Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas, assim como também não é uma surpresa que mais mulheres tenham escolhido cursos da área das Ciências da Saúde. Algumas pesquisas (CARVALHO e RABAY, 2013; CRUZ, 2012) veem mostrando que há um gendramento por área do conhecimento, em que as mulheres optam predominantemente por campos humanísticos enquanto que homens seguem carreiras tecnológicas.

Analisando as escolhas de cursos por área do conhecimento, verifica-se que mesmo na área de Ciências Humanas e Sociais, que aparentemente mostrou paridade, houve permanência no gendramento de carreiras, conforme apresenta a tabela 1:

TABELA 1: Estudantes por sexo e cursos superiores na área das Ciências Humanas e Sociais, 2012.

CURSOS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	SEXO					
	H		M		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Administração	11	20,8%	6	7%	17	12,2%
Arquivologia	1	1,9%	-	0%	1	0,7%
Ciências Contábeis	3	5,7%	6	7%	9	6,5%
Comunicação Social	1	1,9%	4	4,7%	5	3,6%
Direito	18	34%	24	27,9%	42	30,2%
Jornalismo	4	7,5%	7	8,1%	11	7,9%

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Letras	2	3,8%	-	0%	2	1,4%
Pedagogia	-	0%	4	4,7%	4	2,9%
Psicologia	7	13,2%	16	18,6%	23	16,5%
Publicidade	3	5,7%	5	5,8%	8	5,8%
Relações Internacionais	-	0%	4	4,7%	4	2,9%
Relações Públicas	-	0%	1	1,2%	1	0,7%
Serviço Social	1	1,9%	6	7%	7	5%
Teologia	1	1,9%	-	0%	1	0,7%
Turismo	1	1,9%	3	3,5%	4	2,9%
Total geral	53	100%	86	100%	139	100%

Fonte: Questionário/2012.

Dentre os cursos mais escolhidos pelos alunos estão o de Direito, Administração e Psicologia. Já entre as alunas, os cursos mais escolhidos foram Direito, Psicologia e Jornalismo. A grande proporção de mulheres, 27,9%, que escolheu adentrar no “gueto” masculino de Direito, chegando próximo à paridade com os homens, ratifica os achados de Carvalho e Rabay (2013), quando revelaram que em Direito, apesar dos homens terem maior representatividade, há uma indicação de feminização da profissão. Por outro lado, o interesse exclusivo dos homens para o curso de Letras, cerca de 4%, além da acentuada proporção para curso de Psicologia, 13,2%, contrariam os estudos de Queiroz (2001) ao observar que o interesse pelo curso de Letras e Psicologia é majoritariamente feminino.

A maior representatividade feminina para Pedagogia (4,7%), Serviço Social (7%) e Psicologia (18,6%) não se configura diferente de dados já pesquisados. Conforme Yannoulas (2013, p.49), as profissões com “forte conotação moralista e higienista”, como o magistério, a psicologia e o serviço social, tendem a ser almejadas pelas mulheres, ainda que sejam consideradas semiprofissões ou profissões subalternas. Na declaração de Paula isso fica evidente ao reconhecer que a profissão escolhida de psicóloga não lhe trará bons rendimentos: “Gosto de agir com o humano, ajudar o próximo. Depois que eu exercer esta profissão eu vou ganhar muito pouco, mas eu vou querer conversar, ajudar” (PAULA – Psicologia).

A divisão sexual na educação superior e futuramente no mercado de trabalho não traduz uma ingênua divisão de atividades entre os sexos, mas revela o modelo cultural de família patriarcal que destina os homens à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva/doméstica, configurando uma relação de poder. O patriarcado



“designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p.173) que as impede de buscarem ocupações/profissões associadas ao poder. A divisão sexual do trabalho explica o maior número de alunas nas Ciências da Saúde, carreiras humanísticas e de cuidado, conforme apresenta a Tabela 2:

TABELA 2: Estudantes por sexo e cursos superiores na área de Ciências da Saúde, 2012.

CURSOS DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE	SEXO					
	H		M		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Educação Física	14	53,8%	8	7,8%	22	17,1%
Enfermagem	-	0%	7	6,8%	7	5,4%
Estética	-	0%	1	1%	1	0,8%
Fisioterapia	1	3,8%	25	24,3%	26	20,2%
Gastronomia	1	3,8%	1	1%	2	1,6%
Medicina	7	26,9%	25	24,3%	32	24,8%
Medicina Veterinária	-	0%	5	4,9%	5	3,9%
Nutrição	1	3,8%	21	20,4%	22	17,1%
Odontologia	2	7,7%	10	9,7%	12	9,3%
Total geral	26	100%	103	100%	129	100%

Fonte: Questionário/2012.

Os cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição tiveram interesse majoritariamente feminino, com proporções entre as mulheres bem maiores que entre os homens. Porém, a elevada presença feminina nessas carreiras não é uma surpresa, pois tais profissões estão associadas a “tarefas tradicionalmente exercidas pelas mulheres, como a maternagem e o ocupar-se dos demais dentro do mundo doméstico” (QUEIROZ, 2001, p. 185).

Já a maior escolha masculina foi para o curso de Educação Física, correspondendo a 53,8%, contra 4,2% de escolhas femininas. A masculinização do curso de educação física pode estar associada ao fato dele ser relacionado ao esporte e à competição, coisas que não são ensinadas como próprias para as garotas. Outro curso que contou com grande demanda masculina foi o de Medicina (26,9%). Porém, para este as mulheres também mostraram acentuado interesse (24,3%), revelando o que Carvalho e Rabay (2013) já haviam indicado: que a



Medicina vem se tornando uma profissão feminizada desde as últimas décadas do século XX. Embora a proporção de alunas interessadas em Medicina, um curso prestigiado, seja alta, não se pode esquecer que esta profissão está relacionada às funções de reprodução e/ou a características feminilizadas, como paciência, cuidado, ajuda.

Na área de Segurança Pública ou Nacional houve 8 alunos interessados nas carreiras de Oficiais da Polícia Militar, Aeronáutica e Escola Preparatória de Cadetes do Exército (ESPCEX). As nove mulheres interessadas nessa área se concentraram no Curso de Formação de Oficiais (CFO), conforme apresenta a Tabela 3.

TABELA 3: Estudantes por sexo e cursos superiores na área de Segurança Pública ou Nacional, 2012.

CURSOS DA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA OU NACIONAL	SEXO					
	H		M		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aeronáutica	1	12,5%	-	0%	1	5,9%
CFO	6	75%	9	100%	15	88,2%
ESPCEX	1	12,5%	-	0%	1	5,9%
Total geral	8	100%	9	100%	17	100%

Fonte: Questionário/2012

Nota-se que a proporção de alunas interessadas em ingressar em carreiras de Oficiais da Polícia Militar foi maior que a proporção masculina mostrando que as mulheres estão começando a adentrar redutos que até pouco tempo eram de exclusividade masculina. Abramo (2007) lembra que as mulheres, cada vez mais, vêm adentrando espaços ocupacionais tecnológicos, denunciando estereótipos e discriminação. No entanto, não foi o que se verificou nas Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas. Nesta área, houve maior concentração masculina (TABELA 4). Esse resultado não é diferente da realidade nacional e internacional, como indicam o Censo da Educação Superior (INEP, 2013) e COOPER et al (2010).

TABELA 4: Estudantes por sexo e cursos superiores na área das Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas, 2012.

CURSOS DAS CIÊNCIAS EXATAS, NATURAIS E TECNOLÓGICAS	SEXO					
	H		M		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Arquitetura	3	4,1%	15	25,4%	18	13,5%
Ciências Atuariais	-	0%	1	1,7%	1	0,8%
Ciências Biológicas	7	9,5%	9	15,3%	16	12%
Design de Interiores	-	0%	1	1,7%	1	0,8%
Design de Moda	-	0%	1	1,7%	1	0,8%
Design Gráfico	3	4,1%	2	3,4%	5	3,8%
Engenharia	3	4,1%	1	1,7%	4	3%
Engenharia Ambiental	1	1,4%	3	5,1%	4	3%
Engenharia Civil	14	18,9%	9	15,3%	23	17,3%
Engenharia da Computação	12	16,2%	4	6,8%	16	12%
Engenharia de Alimentos	-	0%	1	1,7%	1	0,8%
Engenharia de Produção	-	0%	1	1,7%	1	0,8%
Engenharia do Petróleo	2	2,7%	-	0%	2	1,5%
Engenharia Elétrica	5	6,8%	-	0%	5	3,8%
Engenharia Mecânica	5	6,8%	-	0%	5	3,8%
Engenharia Química	7	9,5%	5	8,5%	12	9%
Geografia	2	2,7%	2	3,4%	4	3%
Matemática	1	1,4%	-	0%	1	0,8%
Química	1	1,4%	3	5,1%	4	3%
Química Industrial	1	1,4%	1	1,7%	2	1,5%
Redes de computação	2	2,7%	-	0%	2	1,5%
Tecnologia em Marketing	1	1,4%	-	0%	1	0,8%
Telecomunicações	1	1,4%	-	0%	1	0,8%
Exatas (não especificou)	3	4,1%	-	0%	3	2,3%
Total geral	74	100%	59	100%	133	100%

Fonte: Questionário/2012

Ao somarmos as porcentagens de estudantes que citaram as Engenharias como escolha de curso vê-se que a proporção feminina não foi pequena, 40,7%, apesar de ser bem menor que a masculina, 64,9%. Como dito anteriormente, as mulheres estão ocupando lugares de predominância masculina, no entanto no campo das engenharias ainda existe segregação por sexo nas diferentes especialidades (BRUSCHINI e LOMBARDI, 1999). Enquanto nenhuma mulher escolheu Engenharia Mecânica ou Elétrica, houve 6,8% de demanda masculina para cada uma delas. Por outro lado, Engenharia de Alimentos foi escolhida apenas pelas mulheres e 5,1% das alunas optaram por Engenharia Ambiental contra 1,4% de interesse masculino.



Dentre as Engenharias mais masculinizadas, Elétrica, Mecânica e Civil (CARVALHO e RABAY, 2013), chamou a atenção o interesse das mulheres pela Engenharia Civil: 15% delas fizeram esta opção, chegando bem próximo à porcentagem masculina, 18,9%. O interesse das alunas por este curso revelou um dado interessante, pois é uma das modalidades das Engenharias mais resistentes à entrada das mulheres no mercado de trabalho, como lembra Lombardi (2006).

Ainda que algumas alunas tenham se dispersado entre as Engenharias, 25,4% das escolhas femininas na área de Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas foi para o curso de Arquitetura. O fato de este curso estar estreitamente relacionado à decoração, às artes, à organização de objetos e ambientes (BRUSCHINI e LOMBARDI, 1999), pode explicar a grande demanda feminina, que tenta desenvolver na profissão habilidades ensinadas socialmente como mais “próprias” para elas.

Além disso, as jovens que apontaram Arquitetura declararam que a concorrência no vestibular foi uma das principais justificativas de escolha. Seria uma espécie de alternativa para as mulheres que gostam da área tecnológica, mas que não querem adentrar o “universo masculino” das engenharias. O depoimento de Júlia parece confirmar isto: “Eu já pensei em Engenharia Civil, só que é um curso muito pesado para mim, é uma área que exige muito cálculo. Aí foi fluindo...” (JÚLIA - Quer fazer dois cursos: Arquitetura e Designer de Moda).

Pode-se supor, portanto, que algumas alunas escolheram Arquitetura ou Ciências Biológicas para “fugir” da acirrada concorrência com os homens nas Engenharias e Medicina. Queiroz (2001) observou que as mulheres, já que são socialmente menos preparadas para circunstâncias de disputa, tendem a obter menos sucesso que os homens.

3 A naturalização das relações sociais de sexo e gênero

As relações de gênero explicam o gendramento nas escolhas de cursos feitas pelos/as estudantes desta pesquisa. O caráter humanístico e função de cuidado são fortemente atribuídos às escolhas de cursos das alunas, já o reconhecimento no

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



mercado de trabalho parece ser mais importante para os alunos, conforme os depoimentos: “Áreas tipo de saúde, eu acho que combina mais com o lado feminino. Elas têm mais atenção de cuidar de uma pessoa” (MIGUEL - Dúvida entre Letras e Direito); “Os homens são melhores em exatas e as mulheres em humanas porque envolve uma questão de sensibilidade e as mulheres têm mais desenvolvida que os homens (EDUARDO – justificando sua escolha por Psicologia); “Eu acho bonito cuidar da natureza, salvar o planeta, biodiversidade, por isso eu optei fazer Engenharia Ambiental (LUÍZA - Engenharia Ambiental); “Eu também junto o útil ao agradável, bem estar mesmo e o lado do mercado de trabalho” (TÚLIO – Ciências da Computação); “Também trabalhando nesta área, do meio ambiente, é muito bom, é bem reconhecido, área muito boa” (SAMUEL – Engenharia Ambiental); “Acho que o mercado de trabalho está se expandindo nessa área” (FERNANDO – Ciências Contábeis).

Nota-se que mesmo que o curso superior não tenha um caráter aparentemente humanístico, como o de Engenharia Ambiental, as qualidades “femininas” são a ele atribuídas, ou busca-se em tais cursos desenvolver o que foi aprendido como mais próprio para cada sexo. O trabalho é uma das esferas sociais em que mais se acentuam as concepções de masculinidade e feminilidade (SILVA, 2010), e, neste sentido, homens e mulheres buscam assumir papéis culturalmente aprendidos. A divisão sexual do trabalho define relações sociais desiguais em que a segregação das mulheres se manifesta, por exemplo, na ocupação de postos/funções mais baixas, na invisibilidade em algumas áreas do conhecimento e nos “trabalhos em nome da natureza, do amor e do dever maternal” (KERGOAT, 2009, p.68).

Embora a estrutura familiar venha passando por mudanças, com algumas mulheres participando das despesas domésticas e outras assumindo a condição de chefe de família, a ideia de que os homens devem prover sua família e por isso precisam ganhar mais também pode ser um fator sociocultural que orienta as escolhas de cursos de muitos rapazes. Hirata (2002), em suas pesquisas sobre o mercado de trabalho, mostra que a vivência do desemprego é mais preocupante entre os homens, por serem eles os provedores da família.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Numa cultura androcêntrica, as relações de gênero adentram vários espaços, dentre eles, o escolar, onde também se veiculam expectativas diferentes para cada sexo e se (re)produzem preconceitos e discriminações. Embora a escola seja uma instituição que visa à cidadania, ela se caracteriza, ainda hoje, como lugar de hierarquização entre os direitos e os deveres de meninas/mulheres e meninos/homens. Alguns/as respondentes do questionário declararam situações de preconceito e discriminação de gênero na escola, indicando que grande parte surge dos/as professores/as. Revelaram como mulheres e homens são estimulados/as de formas diferentes para algumas disciplinas: “O professor de Física sempre gostou de ensinar mais aos meninos” (aluna); “Os professores dizem que os homens são melhores em matemática” (aluna); “Eu e minhas amigas não poderíamos ter acesso à sala de jogos de raciocínio por sermos meninas e, depois, ao conversarmos com o diretor, fomos liberadas” (aluna); “Os professores babam as meninas e colocam facilidades para elas” (aluno).

É interessante constatar que ambos os sexos se sentem discriminados, ora negativamente, no caso das meninas, ora positivamente, no caso dos meninos e das meninas quando são “favorecidas” por professores/as. Todavia, as meninas são favorecidas, segundo os meninos, porque são mais fracas; já os meninos são distinguidos porque são mais promissores. De acordo com Silva, Halpern e Silva (1999, p.213), “os meninos e meninas recebem educação muito diferente, embora sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros didáticos, ouvindo o mesmo professor”. Nesta dinâmica, o desempenho escolar, as oportunidades e as escolhas de carreiras universitárias das alunas e alunos são generificados. As justificativas sexistas dos/as professores/as quanto às diferenças no rendimento escolar entre meninas e meninos colaboram para naturalizar as habilidades cognitivas como masculinas ou femininas.

Entende-se que se os/as professores/as têm uma imagem sexista sobre as carreiras profissionais e sobre a aprendizagem dos/as alunos/as, estes/as passarão a estimular meninas/mulheres e meninos/homens de forma diferencial e dicotômica e os/as estudantes tenderão a corresponder às expectativas. À medida que professores/as passam suas “leituras” e concepções de educação generificada, a

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



formação dos/as estudantes/as como sujeitos, como estudantes e como futuros trabalhadores/as se dará desta forma. A vivência escolar e o aprendizado que lá é promovido pode contribuir para a (re)produção de valores sexistas e os/as alunos/as podem tender a se avaliarem como mais aptos/as para determinadas atividades e disciplinas.

Quanto às expectativas para o futuro, a independência e estabilidade financeira, o sucesso e ascensão na carreira e uma boa condição de vida parecem orientar as expectativas dos/as jovens. Os rapazes falaram em sucesso na profissão e no mercado de trabalho, em buscar novos conhecimentos, ascender na profissão fazendo mestrado e garantir a estabilidade prestando concurso público. Igualmente, as mulheres, mesmo aquelas que escolheram cursos ligados aos serviços de reprodução, projetaram ser bem sucedidas nas carreiras profissionais e ascender a altos postos.

Porém, enquanto os alunos entrevistados (com exceção de um) sequer falaram sobre seus projetos de vida familiar, as projeções das alunas referem-se a esse aspecto, embora não se vejam casadas e com filhos/as precocemente. A maioria afirmou que o casamento e a constituição familiar vêm depois do sucesso profissional e da independência financeira. As relações de gênero, desiguais e hierárquicas, expressam a articulação da produção e reprodução, com as mulheres segregadas ao espaço de reprodução desde a infância, talvez por isso, seja possível afirmar que elas mostraram projeções sobre a vida familiar, enquanto que a maioria dos homens não.

Conforme Cruz (2012, p. 291), “em geral, a escolha de curso e carreira diz respeito à autoimagem e à percepção pessoal de que caminhos e alternativas lhes são oferecidas”. Se são oferecidos caminhos gendrados, as autoimagens dos/as estudantes se configurarão da mesma forma e, conseqüentemente, suas escolhas também. Se a divisão sexual do trabalho determina o interesse das mulheres por certas profissões é porque, além desse sistema sexuado estar objetivado nas ocupações, ele atua no prolongamento das funções domésticas de ensino, cuidado e serviços e, por outro lado, confere aos homens autoridade da manutenção de objetos técnicos e máquinas na esfera pública (BOURDIEU, 2011).



CONCLUSÃO

Este texto apresenta o resultado de uma pesquisa de mestrado, que teve como objetivo analisar se e como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio, já que há um pressuposto, expresso na literatura feminista, de que as relações gênero levam mulheres e homens a seguirem carreiras ocupacionais/profissionais diferentes, gerando desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

Foi visto que há algumas singelas mudanças em relação à divisão sexual por área do conhecimento: para os cursos de Medicina, Direito e Engenharia Civil, carreiras prestigiadas e de alta remuneração no mercado de trabalho, houve certa paridade de sexo nas escolhas, assim como o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar (CFO) que teve maior interesse entre as mulheres e o curso de Psicologia que teve grande interesse masculino, embora não tenha superado a proporção feminina.

No entanto, de maneira geral e expressiva, o gendramento da educação superior persiste nos interesses e escolhas dos/as estudantes. Há uma divisão em que as mulheres se interessam mais pelos cursos na área de ciências da saúde como Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem, e humanísticos, como Serviço Social e Pedagogia; e, quando houve interesse por cursos tecnológicos, elas almejam campos já feminizados, como Arquitetura. Já os homens foram os responsáveis pelo maior interesse para Educação Física, Engenharia da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, cursos mais tecnológicos e ligados ao esporte.

Além disso, verificou-se que a naturalização das relações de sociais confere às mulheres qualidades feminilizadas que as desviam dos caminhos profissionais tecnológicos e científicos. Do mesmo modo, as qualidades masculinizadas instigam os homens a seguirem carreiras que condizem com tais características. A divisão sexual e de gênero foi expressa através da separação: dentro de cada campo do conhecimento foi constatado que há subdivisões que instituem a dicotomia e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



segregam as mulheres em campos destituídos de prestígio social e boa remuneração no mercado de trabalho.

As relações de gênero no âmbito da escola e outras instituições sociais naturalizam e sexualizam os campos de conhecimento, por isso, os saberes, os interesses e as escolhas vão sendo generificados. O reforço de uma suposta natureza feminina e masculina leva os/as estudantes a terem o entendimento genêrico sobre as ocupações/profissões e seus futuros. As relações de gênero, fortemente construídas, destinam meninos/homens e meninas/mulheres a constituírem grupos segregados voluntariamente ou não.

Neste sentido, é preciso desconstruir estereótipos naturalizados de feminilidade e masculinidade que ainda influenciam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. A escola, instituição formal de educação que prepara para o mercado de trabalho, deve visar à formação integral do indivíduo e o respeito à diversidade, partindo da compreensão de que antes das mulheres entrarem na universidade e mercado de trabalho, elas precisam ser estimuladas a gostarem de áreas tecnológicas e científicas para diminuir sua segregação em profissões humanísticas e desvalorizadas. Ao mesmo tempo, é preciso valorizar as atividades reprodutivas e de cuidado e nelas incluir os homens.

Avançar na questão da equidade de gênero requer a compreensão do seu caráter relacional e desconstrução de estereótipos que atribuem às mulheres e aos homens características relacionadas à biologia. A escola precisa viabilizar espaços para reflexão de tais questões, onde todos/as os/as envolvidos/as no processo educativo possam tomar consciência sobre as relações de gênero na vida social, escolar e ocupacional. Sensibilizar professores/as sobre a importância de desconstruir padrões, tais como 'homens são melhores em matemática, em física, em disciplinas lógicas', e mostrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens, é uma perspectiva importante para que mais mulheres se interessem por carreiras tecnológicas e científicas.

